> (EN)TERRA BRASILIS

> Terra Brasilis: to bury Brazil

por Daniela Barcellos Amon

Cursando Bacharelado em Artes Visuais, Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), com Bolsa de Iniciação Científica (BIC UFRGS) em Artes Visuais na linha de pesquisa História, Teoria e Crítica do Departamento de Artes Visuais da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. E-mail: danielab.amon@gmail.com. ORCID: 0000-0002-8854-682X.

> Ensaio visual recebido em 12.01.2021 e aceito em 13.03.2021.

Sobre o ensaio visual

O livro de artista (EN)TERRA BRASILIS, da artista Daniela Amon (Porto Alegre, 2000), oferece, através da proposição que relaciona imagem, materialidade e palavra, uma reflexão acerca da História do Brasil e dos acontecimentos políticos, sociais e sanitários dos últimos anos, em especial o contexto pandêmico de 2020.

O título oferece um jogo de palavras entre o famoso mapa português homônimo e o verbo *enterrar*. Datado de 1519, assinado pelo cartógrafo Lopo Homem,¹ é um dos primeiros registros visuais do processo colonizatório português no território que conhecemos hoje como Brasil. Apresentando descrições detalhadas da costa brasileira, mas preenchido em seu interior, porém, não com inscrições geográficas, mas com ilustrações das possíveis fauna, flora e dos povos locais, em *Terra Brasilis* torna-se evidente o desconhecimento do colonizador desses territórios interioranos, que povoavam o imaginário europeu por meio de lendas de tesouros, paraísos intocados e seres fantásticos. Próximas às margens atlânticas destacam-se representações de caravelas portuguesas, sublinhando o que já havia sido deixado claro pelo simples ato de cartografar: a reivindicação portuguesa sobre as terras brasileiras, cujas consequências perduram até hoje não apenas no âmbito cultural, como nas particularidades socioeconômicas. Ora, é por essa permanência do colonialismo e seus desdobramentos no Brasil atual que me aproprio, em parte, deste documento visual histórico.

O *enterrar* do (EN)TERRA BRASILIS designa, por um lado, o processo doloroso de lidar com a própria história e identidade nacionais, a catarse do sucessivamente enterrar e revolver a própria história, *ad nauseam*, e, por outro, a materialidade da terra, o vermelho da argila empregada servindo de paralelo à etimologia da palavra ‘Brasil’ – do extrativismo do ‘pau-brasil’, cujo nome, por sua vez, é originado de ‘brasa’, por conta de sua cor escarlate. Visto ainda por um terceiro ângulo, o gesto, associado à presença da bandeira nacional, apresenta

¹ *A Cartografia Histórica: do século XVI ao XVIII*, In: Biblioteca Nacional Digital, s.d.

uma crítica à apropriação, à resignificação e à distorção deste símbolo por uma parcela da população de extrema direita, nos anos recentes; por uma quarta perspectiva, podemos, ainda, visualizar a própria ação literal de *enterrar*, associando-a ao atual contexto sanitário da pandemia de Covid-19. Fenômeno que levou, até o presente momento, mais de 200.000 brasileiros a óbito, agravado pela gestão incompetente e, arrisco dizer, genocida do presidente Jair Bolsonaro, ainda conduzirá muitos de nossos conterrâneos aos túmulos, que concluirão, assim, de maneira trágica o inevitável ciclo de retorno à terra.

Referência

A CARTOGRAFIA HISTÓRICA: DO SÉCULO XVI AO XVIII. *In*: Biblioteca Nacional Digital. Fundação Biblioteca Nacional, s.d. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/dossies/biblioteca-virtual-da-cartografia-historica-do-seculo-xvi-ao-xviii/artigos/terra-brasilis/#:~:text=O%20mapa%20com%20o%20t%C3%ADtulo,feito%20no%20ano%20de%201519>. Acesso em: 12 jan. 2021.

Referência para citação deste ensaio visual

AMON, Daniela Barcellos. (EN)TERRA BRASILIS. **Revista PHILIA | Filosofia, Literatura & Arte**, Porto Alegre, volume 3, número 1, p. 427 – 438, maio de 2021.